

A SEMANA – 112

John Gledson

O tema unificador desta crônica, a falta de poesia do mundo moderno, e o anelo meio irônico por um passado mais dramático e colorido representado pela poesia romântica, é um motivo recorrente nas crônicas, p.ex. na de 26 de junho de 1892, onde aparecem também os clavinoteiros de Belmonte (no sul da Bahia), e dois dos poetas citados aqui, Hugo e Byron; Hugo aparece também, num contexto muito semelhante, na crônica de 25 de dezembro de 1892.

Na crônica de 4 de junho de 1893, Machado já menciona Antônio Conselheiro, embora sem nomeá-lo, também citando um telegrama de *O Paiz*, transcrito na primeira nota. Aqui, é interessante comparar a linguagem da crônica com a do telegrama em que se baseia. O cronista ou omite, ou ironiza as palavras que prejudgam o “fanático” em nome de uma “civilização” superior: “no lugar denominado”, “criminosos”, “indivíduo”, “efetua”, “sujeito”. Também omite as referências ao monarquismo dos rebeldes – talvez até simpatizasse com o não reconhecimento do dinheiro republicano, dada a desvalorização deste devida ao Encilhamento e às emissões “pluripapelares”. No fim, não resiste a mais uma alfinetada nesse sentido – “empréstimos com calotes” –, as “polcas que temos visto” sem dúvida aludem aos mesmos escândalos.

Esta crônica foi reproduzida em *Páginas recolhidas* (1899, p. 253-257) com o título “Canção de piratas”, com duas mudanças no texto, referidas nas notas.



A SEMANA

22 de julho de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Telegrama da Bahia refere que o Conselheiro está em Canudos com 2.000 homens (dois mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro.¹ Não lhe ponhas nome algum, que é sair da poesia e do mistério. É o Conselheiro, um homem, dizem que fanático, levando consigo a toda a parte aqueles dois mil legionários. Pelas últimas notícias tinha já mandado um contingente a Alagoinhas. Temem-se no Pombal e outros lugares os seus assaltos.

Jornais recentes afirmam também que os célebres clavinoteiros de Belmonte têm fugido, em turmas, para o sul, atravessando a comarca de Porto Seguro.² Essa outra horda, para empregar o termo do profano vulgo que odeio,³ não obedece ao mesmo chefe. Tem outro ou mais de um, entre eles o que responde ao doce⁴ nome de Cara de Graxa. Jornais e telegramas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos; nem outra palavra pode sair de cérebros alinhados, registrados, qualificados, cérebros eleitores e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século. Nos climas ásperos, a árvore que o inverno despiu, é novamente enfolhada pela primavera,

¹ A origem imediata desta crônica é sem dúvida um telegrama n' *O Paiz*, jornal republicano, na quinta-feira, 19 de julho. Como é interessante conferir o texto de Machado com este "original", passo a transcrevê-lo: "Consta que o fanático 'conselheiro' está presentemente no lugar denominado Canudos, tendo sob o seu comando um exército organizado militarmente e composto de 2.000 criminosos. / Diz-se também que este indivíduo mandou um contingente em direção a Alagoinhas, para tomar alguns presos que vinham para a capital. / Fala-se também que este sujeito efetua prédicas diárias aconselhando o povo a não reconhecer válido o dinheiro da República e garantindo que a monarquia é o único governo verdadeiro. / No Pombal e lugares próximos receia-se um assalto a cada momento."

² Machado já mencionara estes clavinoteiros nas crônicas de 26 de junho e 3 de julho de 1892, também citando informações de *O Paiz*. Na primeira, cita uma notícia que diz que "raptaram duas moças".

³ Tradução de "Odi profanum vulgus", palavras iniciais da primeira ode do livro 3 das *Odes* de Horácio (65 a.C.-8 a.C.).

⁴ Esta palavra não está na versão de *Páginas recolhidas*. Não há como saber se a omissão é propositada (Machado talvez omitisse pela ironia um tanto pesada). Aurélio também omite, mas sem mencionar o fato em nota, provavelmente por erro, já que assinala outra mudança mais tarde (nota 13), e mantém a lição da *Gazeta*.

essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida;⁵ eis que lhe rebentam folhas novas e verdes.

Sim, meus amigos. Os dois mil homens do Conselheiro, que vão de vila em vila, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se metem pelo sertão, comendo o que arrebatam, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças cativas, chorosas e belas, são os piratas dos poetas de 1830. Poetas de 1894, aí tendes matéria nova e fecunda. Recordai vossos pais; cantai, como Hugo, a canção dos piratas:

En mer, les hardis écumeurs!
Nous allions de Fez à Catane...⁶

Entrai pela Espanha, é ainda a terra da imaginação de Hugo, esse homem de todas as pátrias; puxai pela memória, ouvireis Espronceda dizer outra canção de pirata, um que desafia a ordem e a lei, como o nosso Conselheiro.⁷ Ide a Veneza; aí Byron recita os versos do *Corsário*,⁸ no regaço da bela Guiccioli.⁹ Tornai à nossa América, onde Gonçalves Dias também cantou o seu pirata.¹⁰ Tudo pirata. O romantismo é pirataria, é o banditismo, é a aventura do salteador que estripa um homem e morre por uma dama.

Crede-me, esse Conselheiro que está em Canudos com os seus dois mil homens, não é o que dizem telegramas e papéis públicos. Imaginai uma legião de aventureiros galantes, audazes, sem ofício nem benefício, que detestam o calendário, os relógios, os impostos, as reverências, tudo o que obriga, alinha e apruma. São homens fartos desta vida social e pacata, os mesmos dias, as mesmas caras, os mesmos acontecimentos, os mesmos delitos, as mesmas virtudes. Não podem crer que o mundo seja uma secretaria de Estado, com o seu livro do ponto, hora de entrada e de saída, e desconto por faltas. O próprio amor é regulado por lei:¹¹ os consórcios celebram-se por um regulamento em

⁵ Em *Páginas recolhidas*, há dois pontos em vez do ponto-e-vírgula.

⁶ Citação da “Chanson de Pirates”, de Victor Hugo (1802-1895), da coletânea *Les Orientales* (1829), das mais citadas por Machado. Conta o rapto de uma freira cristã, levada à força a um harém, onde “de freira ela se faz sultana.” Tradução: “Ao mar, piratas audazes! / Íamos de Fez a Catânia.” As citações mais adiante são do mesmo poema: “Sua Alteza ama as vírgens / Faremos de você uma maometana”, e “Na galera capitânia / Éramos oitenta remadores.” Estes últimos versos são o refrão, que vem ao final de cada estrofe, e terminam em ponto, no original.

⁷ “La canción del pirata” (1835), o poema mais famoso do romântico espanhol José de Espronceda (1808-1842).

⁸ Esta vírgula, presente na *Gazeta*, não consta de *Páginas recolhidas*, nem na edição de Aurélio.

⁹ *The Corsair*, de Lord Byron (1788-1824), foi publicado em 1814, e foi dos poemas mais populares dele. Em 1819, na Itália, Byron se apaixonou pela condessa Teresa Guiccioli, quando ela tinha 19 anos e ele 31.

¹⁰ “O pirata”, de Gonçalves Dias, é de *Primeiros cantos*, de 1846.

¹¹ Em *Páginas recolhidas*, aqui há um ponto-e-vírgula. Aurélio segue a lição do jornal.

casa do pretor, e por um ritual na casa de Deus,¹² tudo com a etiqueta dos carros e casacas, palavras simbólicas, gestos de convenção. Nem a morte escapa à regulamentação universal; o finado há de ter velas e responsos, um caixão fechado, um carro que o leve, uma sepultura numerada, como a casa em que viveu... Não, por Satanás! Os partidários do Conselheiro lembraram-se dos piratas românticos, sacudiram as sandálias à porta da civilização e saíram à vida livre.

A vida livre, para evitar a morte igualmente livre, precisa comer, e daí alguns possíveis assaltos. Assim também o amor livre. Eles não irão às vilas pedir moças em casamento. Suponho que se casam a cavalo, levando as noivas à garupa, enquanto as mães ficam soluçando e gritando à porta das casas ou à beira dos rios. As esposas do Conselheiro, essas são raptadas em verso, naturalmente:

Sa Hautesse aime les primeurs,
Nous vous ferons mahométane...

Maometana ou outra coisa, pois nada sabemos da religião desses, nem dos clavinoteiros, a verdade é que todas elas se afeiçoarão ao regímen, se regímen se pode chamar a vida errática. Também há estrelas erráticas, dirão elas, para se consolar.¹³ Que outra coisa podemos supor de tamanho número de gente? Olhai que tudo cresce, que os exércitos de hoje não são já os dos tempos românticos, nem as armas, nem os legisladores, nem os contribuintes, nada. Quando tudo cresce, não se há de exigir que os aventureiros de Canudos, Alagoinhas e Belmonte contem ainda aquele exíguo número de piratas da cantiga:¹⁴

Dans la galère capitane,
Nous étions quatre-vingts rameurs,

mas mil, dois mil, no mínimo. Do mesmo modo, ó poetas, devemos compor versos extraordinários e rimas inauditas. Fora com as cantigas de pouco fôlego.¹⁵ Vamos fazê-las de mil estrofes, com estribilho de cinquenta versos, e versos compridos, dois decassílabos atados por um alexandrino e uma redondilha. Pélion sobre Ossa, versos de

¹² Esta vírgula falta na *Gazeta*, sem dúvida por erro tipográfico. Esta presente em *Páginas recolhidas* e Aurélio.

¹³ Como nota Aurélio, no texto de *Páginas recolhidas*, Machado flexionou o infinitivo: “para se consolarem” (para enfatizar a dor de cada uma em particular).

¹⁴ Na *Gazeta*, “do antigo”; em *Páginas recolhidas* (e em Aurélio) “da cantiga”. A versão do jornal faz possível sentido – “do passado” – mas dada a semelhança entre as duas palavras, e o ajuste que Machado fez no livro, nos parece bem mais provável que se trate de um erro dos compositores, e que a nossa seja a leitura correta.

¹⁵ Aurélio aqui tem um ponto-e-vírgula. A *Gazeta* e *Páginas recolhidas* têm ponto.

Adamastor, versos de Encélado.¹⁶ Rimemos o Atlântico com o Pacífico, a via láctea com as areias do mar, ambições com malogros, empréstimos com calotes, tudo ao som das polcas que temos visto compor, vender e dançar só no Rio de Janeiro. Ó vertigem das vertigens!



¹⁶ Pélion e Ossa são duas montanhas gregas, que os gigantes empilharam uma sobre a outra, na vã tentativa de tomar os céus de assalto – empilhar Pélion sobre Ossa, portanto, é frase proverbial, significando uma obra grandiosa e vã; Adamastor é o gigante do canto V d' *Os Lusíadas*; Encélado foi um dos gigantes da mitologia grega, supostamente sepultado debaixo de Etna, o que explica as suas erupções. Nesse contexto, aparece no terceiro canto da *Eneida*, de Virgílio.